O MARIANO

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano V | Florianópolis, Abril de 1947 | N. 2

O Construtor

Virtude: Esperança — uma firme e perseverante confiança nas promessas de Deus.

Vício oposto: Presunção, pusilanimidade e desespero.

O Construtor: "Sagrado Coração de Jesús, eu confio em vós". (300 dias de indulgência).

O Ajudante: "Coração Eucarístico de Jesús, tende piedade de nós". (300 dias).

Método: Começa o dia com actos de confiança em Deus. Ao levantar, repete cinco vezes as jaculatórias acima; dize estes grupos de cinco muitas vezes durante o dia. De noite, pergunta-te, quantas vezes as repetiste e marca o número num caderninho, comparando-o com o do dia anterior.

Construindo: A vida sem esperança é intolerável. Leva à tristeza, à impaciência, pusilanimidade e desespero. A esperança humana descansa sôbre a areia movediça de quebradas promessas de homens; mas a esperança cristã está fundamentada na Palavra adamantina de Deus que não pode enganar nem ser enganado. "Céu e Terra passarão, mas minha palavra não há de passar". Enquanto o valor impetratório de nossas aspirações nos obtem a graça de coragem e constância para nossas almas em luta, multiplicamos os actos de virtude da esperança cristã.

Na Defensiva: Quão inconstante e impetuoso, quão impulsivo e presunçoso é o coração humano! Sucesso e prosperidade, qual uma bebida inebriante, tendem a atordoar a inteligência do homem e destruir sua verdadeira dependência de seu Criador e Salvador. Contra estes ataques de presunção e desespero, a esperança cristão é a nossa única arma de defesa. A vista de Nosso Redentor ressurgido, no triunfo sôbre o pecado, o sofrimento e a morte, desfez a tristeza nas almas dos Apóstolos na manhã da primeira Páscoa. Cada aspiração de esperança põe em cheque a nossa pusilaminidade e restaura a confiança no poder divino e na bondade de Nosso Senhor ressuscitado. Não estamos sós nas nossas batalhas, mas debaixo do Seu braço todo poderoso também nós venceremos os nossos inimigos.

Na Ofensiva: A vida está cheia de dificuldades, tribulações e cruzes. Na companhia dos abatidos e desencorajados Apóstolos que lutavam contra a fúria da tempestade durante tôda a noite, em sua embarcação no Lago de Genesaré, nós podemos exclamar: "Senhor, salvai-nos, perecemos". E ouvimos a sua reconfortante resposta: "Por que temeis, homens de pouca fé? Sou eu; não temais". Quando imergir nas trevas ou no medo, numa esperança frustrada ou demorada, vosso sussurro, Senhor, "Sou eu, não temas", alentará meu coração. Repetidos grupos de nossas aspirações dirigidos, durante o dia, ao Sagrado Coração de Jesús, que vive em nosso meio na Sagrada Eucaristia, sustentarão as nossas lassas almas, injetando o vigor da esperança e da confiança no Seu divino poder e amor.

Aspirações de Reparação: Como S. Pedro, somos vítimas do orgulho. Mas não seremos esmagados pelo desespero como Judas. Como S. Pedro, vamos a nosso Salvador e confessamos a nossa culpa com contrição e humildade. Reparamos o passado com frequentes grupos de nossas aspirações de esperança cristã que imploram de nosso Senhor Eucarístico piedade e perdão.

Charles A. Imbs, S. J.

LIVROS

Caçadores de Diamantes, por Luis Saboia Ribeiro; Epasa, Rio de Janeiro, 1945. — É como se o autor desta obra nos abrisse uma larga janela da qual se descortina um vasto panorama. Ele está ao nosso lado, explicando os acidentes da região, as suas riquezas, sua história. Trata-se aqui de uma das partes mais ricas do imenso Brasil, o Este de Mato Grosso, com seus garimpos. Em breves capítulos, Luís Saboia Ribeiro forneceu-nos dados geográficos, notícias históricas sôbre a origem da garimpagem. Em seguida descreve vida e costumes, leis e comércio. Desvenda as relações da garimpagem nos desertos de Mato Grosso com os graves problemas nacionais e com o comércio e política internacionais. Explica os diversos métodos da caça ao diamante. Falando das condições sociais, não se esquece da influência fundamental da religião. Relata atos heróicos dos garimpeiros, mas também as manifestações das paixões humanas cujas fôrças descontroladas destroem em vez de construir. Se o autor mostra grande respeito pelos ministros da religião, devemos contudo observar que, em algumas páginas, revela pouca compreensão do cristianismo. Assim, p. ex., quando fala da religião dos indios borôros. Lemos, à pág. 244: "Se, porventura, uma mãe sonha com o filhinho, isso significa próximas infelicidades lançadas pelo Bope e, para apaziguá-lo, resta o sacrifício da inocente criatura, porquanto o malvado, como um Jeová, aplacar-se-á com o último suspiro de pequeno Isaac". E, à pág. 245: "Positivamente não haverá grandes diferenças entre o Bope (mau espírito), tal o qual pintam-no os borôros, e aquele Deus, também tribal dos desertos da Arábia, adorado medrosamente pelos hebreus". Em consequência de tais concepções, o autor não acredita numa conversão radical dos borôros para a religião católica. Descontando êstes senões, merece o livro tôda a atenção dos brasileiros, pois, além de grande amor à Pátria, e justamente movido por êle, Luiz Saboia Ribeiro mostra profunda compreensão de nosso povo e de suas necessidades. — Sec.: C.

Marujos Intrépidos, por Rudyard Kipling; Editora Brasiliense Limitada; S. Paulo, 1947. — Há pouco, mão amiga trouxe-nos o volume "Captains Corageous" de Rudyard Kipling, uma "Bantam Edition". É a história de um menino de quatorze anos, amimado e malcriado, que, tonto, cai de um transatlântico para o mar. Uma escuna de pesca salva o acidentado. Como esta mesma embarcação tivesse perdido um grumete, seu comandante aceita o rapaz como uma dádiva do céu. Mas o almofadinha é que não está pelos autos. Exige, cônscio dos muitos milhões de dólares abrigados nos bolsos e cofres do pai, seja levado imediatamente às praias pátrias da América do Norte. Mas o comandante não pode perder a estação de pesca de bacalhau e convida ao menino a prestar tanto auxílio quanto fôr possível. Que iria levá-lo para as plagas pátrias no fim da estação. Depois de alguma resistência com efeitos desagradáveis, Harvey submete-se, aproveitando muito para sua formação de homem. Quando afinal, depois de muitas aventuras, perigos e dificuldades, põe pé em terra, seus pais já não abraçam um macaquinho de seda, mas um moço que sabe o que significa ganhar a vida com o trabalho que caleja as mãos. O pai, dando-se conta da mudança tão favorável, explica ao filho que os muitos milhões dêle seriam de Harvey, um dia. Mas lembrado dos muitos êrros de que fôra vítima, por falta de instrução — pois tinha começado como engraxate e vendedor de jornais — faz ver ao filho a conveniência de renunciar a uma vida repleta de futilidades e entregar-se sèriamente aos estudos. — Já o nome do autor é garantia que o livro é interessante. Por isto e por causa do prazer que nos causou a leitura, dissemos ao amigo: "Pena que não tenhamos isto em português". — "Mas se vi ainda hoje a tradução brasileira, na cidade". Compramos o livro. — Êste incidente literário provocou-nos as seguintes reflexões: Por que será que não se traduzem mais dêstes livros? Há ainda tantos livros bons e interessantes que não são apenas um meio para passar o tempo, mas que deixam algo de bom no leitor. Max Brand, p. ex., é pouco conhecido entre nós. E suas obras haviam de prender a moços e velhos. Entre os "Bantam Books" há vários de alto valor, como p. ex., "Guns from Powder Valley" por Peter Field, "Bugles in the Afternoon" por Ernest Haycox, "The Tonto Kid" por Henry Herbert Knibbs, e, principalmente, "Mountain Meadow" por John Buchan. Êstes americanos são capazes de escrever livros que entusiasmam, sem recorrer às baixezas das desregradas paixões humanas como carateristicas da sociedade moderna. Sim, êles são realistas. Vêm as sombras. Mas vêm também a luz, vêm também o que há de nobre e de bom nos homens. Dai-nos, dai ao nosso povo, dai à nossa mocidade mais livros desta espécie. Renunciaremos de boa vontade aos Hemmingway e aos Steinbeck. — Sec.: A.

Cantinho Litúrgico

Qual é o **tempo apto** para a celebração da sta. Missa?

A Igreja estabeleceu como lei geral: não mais cedo do que uma hora antes da aurora e não mais tarde do que às 13 horas.

Mas visto que em diferentes lugares, conforme sua distância do polo, a aurora começa mais cedo ou mais tarde, o costume ganha fôrça de lei.

Além disso, para a comodidade dos fiéis, muitas vezes será lícito começar a Missa mais cedo ou celebrá-la depois das 13 horas. Assim se dá o caso nas grandes estações da estrada de ferro, onde, dentro do recinto da estação, se celebra uma espécie de Missa campal em favor dos viajantes.

Durante a guerra, em vista das condições excepcionais, a Santa Sé concedeu amplas faculdades para celebrar-se a sta. Missa também de tarde.

Embora já o Antigo Testamento tenha tido seus sacrifícios vespertinos, parece contudo mais conforme o sentimento geral que o sacrifício, o ato mais sublime do culto ao Ser Supremo, seja oferecido nas primeiras horas do dia.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

DAS NOSSAS CONGREGAÇÕES

C. M. N. Sra. da Glória: Diretoria para 1947: Presidente: Ayres Cesário Pereira; 1º Assistente: Celestino Sachet; 2º Assistente: Ewald Juarez Losso; Secretário: Cássio Aurélio Pinto da Luz; Tesoureiro: Sebastião Umberto Melim; Conselheiros: Nelson Antunes Martins e Abdon Luiz Schmitt.

C. M. N. Sra. do Rosário — Secção dos Maiores: Aos 15 de Março de 1947 tomou posse a nova Diretoria: Presidente: João David de Souza; 1º Assistente: Max Souza; 2º Assistente: Hélio Moreira da Silveira; Secretário: José Alfredo Beirão; Tesoureiro: Sidney Damiani.

Secção dos Menores: Entraram na Diretoria como Conselheiros: Elisiário Pereira e Juarez Philippi.

ESCOLA DE GUERRA (XIII)

28. "O Diretor pode em casos particulares dispensar das formalidades prescritas para a admissão. ( ) Para a validade desta, em rigor, basta que tanto quem tem poder de admitir como quem há-de ser admitido manifestam a sua vontade formal por algum sinal exterior". (2).

Comentário: (1) Ver Nota (1), Regra 27, Esc. de Guerra (XII). — (2) Em si não é necessário rezar-se uma determinada fórmula de consagração, como se conclue das palavras "algum sinal exterior". Pelo mesmo motivo podem ser usadas várias fórmulas de admissão, como na realidade o são. Mas indispensável é o ato interno de consagrar-se ao serviço de Nossa Senhora, o que é manifestado pelo "sinal exterior".

29. "Na Congregação de uma classe ou condição de pessoas não pode admitir-se pessoa de outra classe ou condição, a não ser que o Diretor por justas razões julgue de outro modo". (1).

Comentário: (1) Ver: "O Mariano", 1945, Dezembro: Esc. de Guerra (II): Regra 4 e Comentários.

30. "Os Congregados uma vez admitidos na Congregação ficam sempre membros dela, (1) se espontâneamente não a deixarem (2) ou não forem dimitidos por indignos". (3).

Comentário: (1) O compromisso que o Congregado assume é um compromisso para tôda a vida. Isto se colige da resposta à pergunta formulada pelo Presidente antes da admissão: "E por quanto tempo quereis observar o que prometeis?" Ao que os Candidatos respondem: "Observá-lo-emos SEMPRE". A consagração a Maria constitue um contrato bi-lateral para a vida e para a morte. Sejamos nós fieis aos compromissos assumidos, que Nossa Senhora não nos deixará em falta. — (2) Por isto não se compreende como um Congregado possa "espontâneamente", i. é, refletida e deliberadamente deixar a C. M., possa friamente abandonar a sua Mãe. Quais seriam os motivos, as causas? Quem se terá enganado? A C. M. ao lado de Maria Santissima ou o infeliz Congregado? Será que êle jamais compreendeu o que significa ser Congregado? Por isso: cuidado com a admissão! E que o Diretor mantenha o mais vivo interêsse por todos os seus Congregados! — (3) A exclusão de um Congregado é um ato cheio de responsabilidade. Para evitá-lo quanto fôr possivel, mais uma vez: boa formação dos Candidatos e severidade na admissão. Mais vale, excluir um Candidato que não mostra as qualidades que prometem, humanamente, perseverança e fidelidade, do que admiti-lo com receio de que êle um dia deverá ser excluido. Aqui vale mais o cérebro do que o coração!

MARIANOS CÉLEBRES

2. Um General Intrépido

Há vultos históricos que formam um grupo a parte. São os eternamente caluniados.

A êste grudo pertence Tilly, o general intrépido da Guerra dos Trinta Anos.

Apesar dos trabalhos valiosos e provas irrefutáveis de historiadores como Onno Klopp e Carlos de Villermont que desvendaram a verdade a respeito dêste lutador pelos direitos de Deus e dos homens, ainda hoje Tilly é difamado pelos inimigos da Igreja como causador do incêndio de Magdeburgo, como papista fanático, como tirano intolerante.

João T'Serclaes, Conde de Tilly, nasceu em Tilly, perto de Bruxelas, em 1559. Aluno do colégio dos jesuitas em Colônia, entrou para a Congregação Mariana, distinguindo-se por sua profunda piedade. Seguindo sua vocação para a vida militar, lutou sob o comando de vários chefes. Durante a campanha contra os turcos foi promovido ao posto de coronel e poucos anos mais tarde foi nomeado general de artilharia. Já com o posto de marechal de campo, recebeu do duque Maximiliano da Baviera o encargo de reorganizar o exército daquele pais.

Sua atividade principal, entretanto, desenvolveu-a durante a Guerra dos Trinta Anos. Esta atividade não reflete sòmente seus eximios dotes de cabo de guerra, mas as admiráveis virtudes que adquiriu na escola de Maria.

No conselho de guerra manifestou-se o general imperial Bouquoy vivamente contra o planejado ataque na Montanha Branca, perto de Praga (Boêmia), desmoralizando destarte as tropas. E de fato, os soldados imperiais começaram a fugir. Tilly, porém, com a espada desembainhada, forçou-os a resistir, alcançando uma esplêndida vitória. E teve mais vitórias. E teve derrotas também. Mas numas como nas outras mostrou-se o grande soldado. Depois da batalha da Montanha Branca, os soldados quiseram saquear a cidade de Praga. Tilly não o permitiu.

Era sempre contrário ao emprego da fôrça bruta. Principes e generais aproveitavam as fôrças armadas para obrigar os habitantes dos territórios ocupados a adotar a religião dos respectivos vencedores. Tilly não entendia assim os direitos do vencedor. Como filho fiel da Igreja católica não descurava da restauração da verdadeira fé. Mas, com tôda razão, queria que os habitantes fossem antes instruidos devidamente na religião de Cristo. Para êste fim tratava de fundar colégios de jesuitas. Trocou muitas cartas com o Papa e o imperador a êste respeito, oferecendo-se a pagar o sustento dos padres até que se tenha provido de outra forma.

Desde 1620 até o fim de sua vida teve um jesuita como capelão e confessor. O último dêles, o que lhe assistiu na hora da morte, diz-nos: que a vida de Tilly era rica em tôdas as virtudes cristãs. Paciência, prudência, moderação, continência e misericórdia distinguiram-no como homem. Como general era de uma admirável capacidade de prever e calcular os movimentos do adversário, de aguda vigilância e de estupenda celeridade na execução dos seus planos.

As maiores dificuldades não lhe vinham da parte dos inimigos, mas dos seus chefes que, movidos por mesquinhas ambições, ciumes e invejas, punham em risco a grande causa pela qual Tilly lutava. Wallenstein escreve a êste respeito (3-6-1626): "Certamente não é por nada que êle (Tilly) se cobre de glória por causa de sua bravura, perante o mundo; mas por causa de sua paciência que deve ter com os canalhas (W. tem uma expressão muito mais forte), alcançará de Deus "coronam martyrii".

Querendo defender a Baviera contra o invasor sueco, opôs-se-lhe sôbre as margens do Lech, recebendo ai o ferimento de morte. Aos 30 de Abril de 1632, morreu em Ingolstadt. Homens que pareciam feitos de mármore, choravam inconsoláveis a sua morte.

A enciclopédia Espasa-Calpe caracteriza assim êste grande filho de Maria: "Tilly odiou sempre o fausto e as distinções honorificas e negou-se a enriquecer-se com as presas da guerra. Em seu exército procurou manter uma severa disciplina varonil. A extirpação da heresia na Alemanha foi para êle uma questão de conciência".

E' BOM SABER...

— Na festa de Nossa Senhora da Assunção do ano p.p. inaugurou-se uma imagem de Nossa Senhora de Fátima no alto do São Gotardo. Esta montanha é uma das fortificações principais da Suiça. O povo católico daquele pais quis desta forma expressar sua gratidão pela proteção contra os horrores da guerra e implorar o auxilio da Rainha da Paz para o restabelecimento da verdadeira paz de Cristo. ("Bethlehem" — Immensee).

— O Almirante Thierry d'Argenlieu, atualmente Alto Comissionário da França na Indo-China, voltará breve para o seu convento de Carmelitas perto de Fontainebleau (França). O Almirante, cujo nome na Ordem dos Carmelitas Descalços é Pe. Luís da Trindade, ocupava o posto de Provincial da Provincia de Paris antes da guerra. Em 1939, foi convocado e serviu como oficial da marinha em várias batalhas. Finalmente foi nomeado Almirante na armada dos Franceses Livres, sob o comando do General de Gaulle. Depois da guerra, o Almirante recebeu licença especial do Vaticano de continuar com os seus deveres civis e militares e foi escolhido para solucionar a dificil situação na Indo-China. O rei da Inglaterra distinguiu o Sacerdote-Almirante com uma das mais altas condecorações. (Catholic World — New York).

— O Canal de Panamá é inadequado e obsoleto. Nenhum dos modernos encouraçados, nenhum dos maiores transatlânticos pode passar por êle. Em vista disto, o Congresso Norte-Americano aprovou a Lei 280, autorizando estudos para melhorar as condições. Mas ao lado do aspecto técnico do problema, há as questões da politica pan-americana. Várias repúblicas, em primeiro lugar a do Panamá, não estão de acôrdo com os planos estadunidenses e exigem a internacionalização do célebre canal interoceânico. (Catholic World — New York).

— Um grave perigo para a liberdade, para a cultura e civilização é o Plano Cain. Seu inventor James Cain, cheiroso escritor para Hollywood e comunista ferrenho, exige seja estabelecida a "American Author's Authority", composta de cinco membros sem cuja autorização nenhum escritor poderia publicar qualquer obra. Seria a morte não sòmente da literatura católica ,mas da mesma arte literária. (Catholic World — New York). — Êstes comunistas são atrevidos, mas também astutos. Se conseguissem a realização do Plano Cain, os U. S. A. em dois tempos seriam uma colônia de Moscou!

— Encerrando os "Rencontres Internationales de Genève", uma reunião dos expoentes cultùrais dos paises europeus, Georges Bernanos mostrou que a doença dos nossos tempos só pode ser curada por meio da religião. A mão humana que qual uma garra, se quer fechar sôbre tudo quanto existe, é a imagem concreta do pecado do hoje: cubiça, falta de alma e medo. Diz: "La civilisation concentrationnaire est une civilisation à mains". Daí o estreito parentesco entre nazismo e comunismo. "Le monde ne será sauvé que par les hommes livres". Apesar de muitas divergências, manifestaram os homens das "Rencontres Internationales" alguma compreensão para as idéias expostas pelo representante da França católica. (Christliche Nothilfe — Zurich).

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina